

QUANDO PENSEI QUE ERA UMA MONTANHA

Corina Ishikura
Curadoria de Marcelo Salles

13 de agosto a 10 de setembro de 2022

*"O Homem é também o lugar do desconhecimento –
desse desconhecimento que expõe sempre o seu pensamento
a ser ultrapassado pelo seu ser próprio e que lhe permite ao mesmo tempo
vir a si a partir do que lhe escapa"*

Há quase quatrocentos anos um humano sistematizou a cisão entre matéria e espírito ou entre corpo e mente. Nessa ordenação, Descartes cindiu a coisa expansiva, os corpos (*res extensa*) e a coisa pensante (*res cogitans*). Essa divisão tornou o pensamento, através de dispositivos como a ciência, uma condição vital do existir ocidental (*cogito, ergo sum*). Mas foi outra cisão que se tornou matriz e chave de compreensão para o mundo em que vivemos: a divisão entre pessoas e coisas, que ocorre no distante período greco-romano. Este espaço dicotômico se tornou a visão de mundo hegemônica. Os avanços da sociedade moderna e contemporânea, para o bem ou para o mal, nos levaram, no momento presente, a questionar essa relação estabelecida como única saída possível para diminuir os impactos destruidores deste modo de vida. Sob pena de perdermos não só nosso modelo, mas também a própria vida que dá sentido a ele.

...

A arte é algo que pode nos fazer pensar. Ela é uma linguagem que busca o questionamento, mais do que a narração; que nos re-apresenta algo, mais do que representa aquilo que já conhecemos, o que estabelecido está.

As séries de trabalhos, mais uma instalação e um site-specific, de **Corina Ishikura** nesta exposição seguem esta linha do questionamento; penso que isto se faz utilizando da típica relação dicotômica, no caso o binômio natureza-cultura, mas ao invés da separação ela se vale da união ou junção de coisas, segundo o senso comum, diferentes. Ela age levando em conta que aquilo *que nos rodeia, incluindo nós mesmos, encontram-se nesta situação intermediária: são naturais e culturais ao mesmo tempo*². O site-specific localizado na entrada da exposição está justamente nesse "entre"; a tela metálica que assume formas orgânicas é cultural ou natural? o galho de árvore é natural, mas a condição em que ele se encontra só é possível de um ponto de vista cultural; dito de outra forma, qual o grau de "natureza" que há, por exemplo, em arbustos ou quase árvores que nascem e se desenvolvem em viadutos ou construções abandonadas? Ou como dois materiais diferentes formam um corpo híbrido, um corpo-objeto, que se expande e nos remete a um corpo-paisagem?

Inclusive, é a ideia de corpo-paisagem (conforme dito pela artista em uma de nossas conversas) que está em várias das séries apresentadas, sendo *Por trás das árvores a escuridão das paredes* onde isto está razoavelmente evidente devido a relação topográfica e espacial sugerida pela colagem e junção de papéis, impressos ou não. Nas séries *Por trás das árvores o azul do céu* e *In(H)umano* a relação topografia-corpo continua existindo, mas há mudanças significativas. Ambas tem o desenho à tinta nanquim como

estruturador da composição com sua expressividade autoral, em contraponto ao “anonimato” expressivo da colagem. Além disso, o uso da noção de diferentes escalas num mesmo plano (o enorme e o microscópico juntos em um mesmo desenho) traz uma certa estranheza, resultante da identificação de algo que nos parece familiar ordenado, mas de maneira inusual (numa aproximação do conceito freudiano conhecido como *unheimlich*).

Coerentemente, a série de pinturas de Corina também usa de diferentes escalas, mas aqui isso é de ordem pictórica: o assunto a ser pintado se adequa ao tamanho físico das telas. Um resquício de paisagem ainda é identificável; porém esta paisagem é indefinida e insondável, uma matéria escura que tanto pode acolher constelações como um agrupamento de células. Mesmo quando os trabalhos parecem ter uma ordenação ortogonal isto não corresponde, necessariamente, a algo factual. Na série *Fronteiras*, a colagem de papéis impressos com grades se junta ao desenho, à sinuosidade da linha, às transparências, numa organicidade que desestabiliza o espaço ordenado. Em *Há algo sólido no brilho do céu* a ordenação indicada (abscissas e ordenadas graduadas nas laterais da tela) é apenas sugerida, quase como se pudéssemos nos localizar em mapas de aspecto estelar.

...

Semelhanças formais são características presentes em maior ou menor grau em objetos artísticos. Mas há um tanto de mistério quando essas semelhanças que seriam de matriz cultural, no caso da arte, encontram seu correspondente no mundo natural. Tendões e feixes de músculos se transformam em cordilheiras; árvores desfolhadas e aglomerados de células são assombrosamente semelhantes³. Corina tenta nos mostrar uma visão de mundo onde natureza e cultura, pessoas e coisas, matéria e espírito fazem parte do mesmo lugar, onde não apenas interagem, mas estão integrados. Ainda que esta concepção tenha muitos pontos de contato com sociedades arcaicas, a maneira como ela chega até a contemporaneidade é a questão principal. São esses questionamentos que abrem as possibilidades de compreensão do lugar que, todos os entes, habitamos⁴.

Creio que Corina não espera que seus trabalhos resolvam, num passe de mágica, angústias de corpo e espírito que a contemporaneidade nos trouxe; na verdade esperar isto da Arte seria um tanto ingênuo e um fardo por demais pesado. Ainda que ela, como outros artistas contemporâneos pelo mundo, esteja olhando para sociedades e conhecimentos ancestrais, sabe-se que se trata de um passado irremediavelmente perdido⁵. O ponto é abrir possibilidades, através do questionamento das re-apresentações, para nos entendermos enquanto seres que são formados por experiências individuais e coletivas unificadas e diferentes da trajetória cartesiana entre *res cogitans* e *res extensa*. É assim, como possibilidade, que podemos enxergar a instalação (*Sem título*) suspensa entre os pisos da Casa Contemporânea: como um mundo em que se evitou a queda ou como uma “espada de Dâmocles” temporariamente pendente.

Marcelo Salles, agosto 2022

NOTAS:

1. Foucault, Michel – *As Palavras e as Coisas* - Edições 70, pg. 425
2. Descola, Philippe – *Outras naturezas, outras culturas* - Editora 34. Pg.8
3. Buck-Morss, Susan – *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção* – Contraponto Editora. Ver páginas 182 e 183 (*Bétulas podadas* de Vincent Van Gogh e ilustração de células do córtex cerebral pelo anatomista Vladimir Betz)
4. Esposito, Roberto – *As pessoas e as coisas* - Rafael Copetti Editor
5. Idem, pg. 9